



## GT 049. Ofícios e profissões: memória social, identidades e construção de espaços de sociabilidade

Fernanda Valli Nummer (UEPA), - Coordenador/a,  
 Maria Cristina Caminha de Castilhos França (IFRS),  
 - Coordenador/a

Este Grupo de Trabalho está em sua 4ª edição e as discussões têm trazido uma enriquecedora diversidade de questões associadas a temas como memória, sociabilidade e identidade no mundo trabalho. De forma mais ampla, os debates entre sociologia e antropologia sobre ofícios e profissões têm aprimorado as discussões sobre as diversidades culturais reveladas por cada participante ao relatar sua experiência de trabalho de campo. Recursos metodológicos utilizados nas etnografias diante da multiplicidade de estudos têm também proporcionado aprendizados diversos. Em 2015, publicamos o primeiro livro, resultados destas discussões: "Entre ofícios e profissões: reflexões antropológicas". Para 2018, serão privilegiados estudos etnográficos em que ofícios e profissões são analisados não apenas como funções sociais especializadas que as pessoas desempenham de acordo com as necessidades de outras, mas sim como uma das múltiplas dimensões das identidades dos sujeitos. Sejam dimensões concebidas ao longo das atividades produtivas ou sob processo educativo desenvolvido através da memória social das comunidades de saber, que resulta em transmissão e legitimação, e ambas sendo capazes de gerar esquemas de percepção e ação no mundo social. Nosso objetivo para a RBA é que os trabalhos aprovados e que tenham os textos completos enviados para o evento sejam selecionados para um segundo volume do livro e que os debates que já foram gerados nas outras edições sejam representados nessa Reunião.

### **Saberes silenciados: o ofício de parteira em comunidades quilombolas do Alto Vale do Jequitinhonha.**

**Autoria:** Sílvia Regina Paes, Ramoci Leuchtenberger

Dona Onísia não sabe ao certo sua idade e também não registra com precisão o número de crianças que ajudou a vir ao mundo. Sempre viveu na roça, onde criou seus onze filhos e onde participa da criação de suas netas e netos. Exerceu o ofício de parteira durante quarenta anos na comunidade quilombola Ausente, no Alto Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. As dificuldades que a vida lhe impôs estão expressas nas dores que sente nas costas, na pele trincada pelo sol e no modo realista com que encara a vida. Na natureza busca as plantas que usa para benzer e realizar as "simpatias" que a fazem capaz de conduzir nascimentos e interromper doenças. As entrevistas realizadas com Onísia nos dias que passamos conversando junto ao fogão a lenha resultaram na história de vida da parteira. A narrativa foi complementada pelas perspectivas de outras mulheres em papéis sociais que se relacionam com os fatos focalizados, num exercício de confrontação interna das informações conseguidas através de múltiplas abordagens. A história de vida da parteira é o fio condutor deste work, que nos leva a observar como a transmissão e a legitimação do ofício da parteira está intimamente relacionada com a aceitação de um saber feminino intrínseco ao "ser mulher" e a valorização do conhecimento que mulheres possuem sobre si mesmas, seus corpos e ciclos. Parteiras e gestantes quilombolas são mulheres de um mesmo território, classe social e inserção étnico-racial e estabelecem entre si relações de cuidado que vão além do aspecto biológico enfatizado na medicina tecnicista, relações permeadas por valores culturais e sociais e aspectos psíquicos e emocionais. Onísia caminha pelas trilhas da comunidade apontando adultos e crianças e repetindo: "esse menino ali, fui eu quem cortou o umbigo". É tratada com deferência por todos, apesar de já não exercer o ofício. Aprendeu a ser parteira com a avó, mas não transmitiu para ninguém seus saberes na arte do partejar e suas netas nem mesmo sabem que por muitos anos assistiu os nascimentos na comunidade e nas redondezas. O silenciamento dos seus saberes é resultado de séculos de desvalorização da sabedoria feminina e destruição

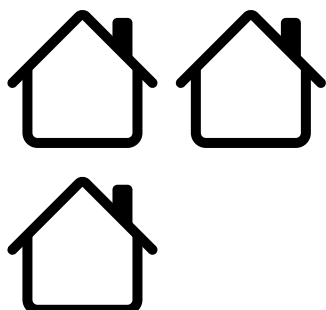


de conhecimentos empíricos ancestrais, impostos às culturas tradicionais do mundo inteiro pela idéia de desenvolvimento da expansão colonial européia. O atual movimento pela humanização do parto e nascimento surge como a redefinição das relações humanas na assistência, um chamado para a compreensão da condição humana e dos direitos humanos. Detentoras de um saber ancestral desprezado pela ciência positivista e androcêntrica, parteiras tradicionais possuem a chave para a humanização do parto em seu modo de cuidar: o sentimento de identificação com a parturiente e a disposição para servi-la e atender suas necessidades.

[Trabalho completo](#)



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

